

Psicodrama e Psicogenealogia

Manuela Maciel¹

A afirmação muitas vezes atribuída a Kurt Lewin: “Nada é tão prático quanto uma boa teoria”, expõe a ideia de que um bom modelo teórico pode ser muito útil para uma boa prática. No entanto também me parece relevante o que afirmou Paul Watslavick de que “o mapa não substitui o território”. Ou seja, cada caso é um caso e nenhuma hipótese teórica dispensa a atenção ao momento presente, a intuição e ao “ouvir com o terceiro ouvido e ver com o terceiro olho”, tal como dizia a minha mestre Anne Ancelin Schutzenberger .

De um modo geral, podemos dizer que as teorias precursoras de Sigmund Freud, Carl G. Jung e J. L. Moreno forneceram contribuições práticas para o campo da psicoterapia transgeracional e da psicogenealogia.

Eles destacaram o aspeto evolutivo da família e exploraram a interdependência entre histórias pessoais, experiências familiares compartilhadas e as experiências coletivas, que afetam a psique do indivíduo, da família e de qualquer coletivo.

A Escola Internacional de Terapia Transgeracional e Psicogenealogia co-fundada por Manuela Maciel, Leandra Perrotta e Yaacov Naor, discípulos diretos da principal fundadora da psicogenealogia e do psicodrama transgeracional, Anne Ancelin Schutzenberger, assume-se como adotando um modelo contextual, histórico e sistémico.

A terapia transgeracional é uma psicoterapia que se concentra em investigar e tratar padrões psicológicos e relacionais disfuncionais que foram transmitidos por gerações anteriores em uma família. A abordagem baseia-se no pressuposto de que assuntos e traumas não resolvidos podem ser transmitidos de forma inconsciente através das gerações e assim impactar o bem-estar mental e emocional dos indivíduos dentro da família.

A terapia transgeracional pode ser particularmente útil para indivíduos que sofreram traumas ou outros eventos significativos da vida em sua história familiar. Isso pode envolver a exploração de relacionamentos familiares, traumas e influências culturais e sociais na família. Ao investigar essas experiências no contexto de sua história familiar, os indivíduos podem obter uma compreensão mais profunda de como essas experiências impactaram seu próprio bem-estar mental e emocional e desenvolver estratégias para lidar com essas questões e de transformar os padrões disfuncionais que lhes foram transmitidos transgeracionalmente.

¹ Psicóloga Clínica e co-fundadora da Anne Ancelin Schützenberger. Escola Internacional de Terapia Transgeracional)

O psicodrama transgeracional é uma abordagem terapêutica que combina elementos do psicodrama, com foco na exploração e na transformação de padrões e questões transgeracionais.

No psicodrama transgeracional, o foco principal é o de investigar o sistema familiar como um todo, e não apenas o indivíduo. Isso pode envolver a criação de cenas e de interações dentro do sistema familiar e a consciencialização dos papéis e das dinâmicas dos antepassados da família ao longo das gerações. O objetivo é ajudar os indivíduos a obterem uma compreensão mais profunda de como sua história familiar influenciou seu próprio comportamento, padrões psicológicos e interpessoais atuais. Também o de compreender as lealdades inconscientes, conceito fundamental nesta abordagem, e de parar o padrão compulsivo e repetitivo disfuncional (na busca inconsciente de uma solução para o trauma original).

O psicodrama transgeracional pode ser uma ferramenta poderosa para curar traumas ancestrais e abordar padrões que foram transmitidos de geração em geração. Ao explorar o sistema familiar em um ambiente seguro e solidário, os indivíduos podem obter uma visão das causas profundas dos seus problemas psicológicos derivados do trauma transgeracional, que ao ser entendido e processado permite treinar e desenvolver novas formas para o indivíduo se relacionar consigo mesmo e com os outros. A realidade suplementar, conceito essencial para os fatores terapêuticos do psicodrama, permite que se procure dar um final mais saudável ao trauma ancestral, num contexto de realidade imaginada, de “como se”, em que o indivíduo não distingue emocionalmente a realidade de uma nova percepção co-criada em imaginação ativa.

Fenómenos da Psicogenealogia

Nas últimas décadas, foram sendo concetualizados vários fenômenos, através dos quais, fenômenos transgeracionais são tornados visíveis e aplicados empiricamente à prática.

O termo “Lealdade Invisível” refere-se a um fenômeno estudado na psicogenealogia (Bozgomény Nagy) que evidencia que repetimos de forma significativa embora inconsciente os padrões saudáveis e menos saudáveis daqueles antepassados com que criamos mais afeto, admiração ou até identificação física e/ou psicológica.

Outro fenômeno é o “síndrome de aniversário” que Anne Ancelin Schützenberger (1998) descreve como um período de fragilidade (referente a certas idades ou até datas) que se manifesta como sentimentos, pensamentos ou memórias angustiantes, bem como doenças, acidentes ou até morte súbita, ligados à repetição de um evento familiar traumático (em idades próximas) ou que ocorre perto da data de aniversário de uma experiência significativa transgeracional.

Os modelos da terapia familiar também nos trouxeram conceitos úteis para a prática e a conceptualização da terapia transgeracional, tais como o autor Salvador Minuchin que teorizou o conceito de “emaranhamento” (1974), uma dinâmica trans-

geracional que descreve a presença de fronteiras pouco nítidas entre a família e os seus membros, o que pode dificultar o desenvolvimento de um senso individual de identidade. A autoestima dos pais pode ser definida pelas ações ou escolhas da criança. Assim, enredado nas necessidades dos pais, uma criança pode, portanto, perder sua capacidade de desenvolver um senso de autonomia. O termo também pode ser usado para descrever a simbiose doentia em relacionamentos co-dependentes.

Outro autor, Murray Bowen (1978) postulou que a doença mental seria o resultado de padrões patológicos multigeracionais e derivados de um baixo nível de diferenciação de um indivíduo de sua família de origem. Quanto mais intensa for a fusão emocional da família, mais seus membros criaram relações patologicamente simbióticas. O objetivo do indivíduo era, portanto, individualizar-se por meio de um processo que Bowen chamou de “diferenciação”.

Do mesmo autor, o conceito de “triangulação” identifica uma forma de gerir tensões e conflitos dentro de um relacionamento significativo. Identifica uma dinâmica relacional específica na qual a comunicação e as interações entre dois indivíduos não ocorrem diretamente, mas são mediados por uma terceira pessoa. Mesmo que a triangulação não seja em si negativa, o uso habitual dessa estratégia pode-se tornar um elemento real de toxicidade psicológica. Em sistemas familiares disfuncionais, a triangulação pode envolver crianças, que são chamadas por um ou ambos os pais para gerenciar ou reduzir o stress emocional relacionado a seu conflito interpessoal.

Já o conceito de “Parentificação” descreve uma situação em que uma criança recebe o papel de cuidador dentro da família. A parentificação é muitas vezes transgeracional ao envolver pelo menos três gerações. Uma criança cujas necessidades não foram atendidas por seus pais, muitas vezes se volta para seu próprio filho para ter suas necessidades satisfeitas. À medida que essas crianças crescem, elas tornam-se adultos frágeis que precisam cuidar de seus próprios filhos, mas o ciclo repete-se. A “esposificação” de uma criança é uma outra dinâmica de exploração em que os pais ignoram as necessidades de desenvolvimento da criança e se voltam para ela em busca de apoio emocional como cônjuge substituto.

A “síndrome da criança de substituição” refere-se a uma criança concebida logo após os pais terem perdido outro filho e o luto é incompleto (menos de 3 anos antes). Krell e Rabkin (1979) descrevem três tipos de filhos substitutos. A criança assombrada vive em uma família dominada pela culpa e silêncio, a criança sobrevivente é considerada imensamente preciosa e superprotegida, e a criança ressuscitada é tratada como uma reencarnação do irmão morto. Este síndrome acarreta um enorme sofrimento, com dificuldades de a pessoa se sentir reconhecida, validada e até individuada.

A “síndrome do gisant”, cunhada por Salomon Sellam (2004), traduz o significado daquele que mente ou permanece. Pode ter repercussões dramáticas sobre muitas gerações. Decorre da morte prematura de uma pessoa significativa dentro de uma família, cujo papel o recém-nascido é inconscientemente responsável por preencher, com as expectativas inconscientes daí advindas.

O “efeito Zeigarnik”, termo da Psicologia da Gestalt, é o fenómeno pelo qual a memória de tarefas inacabadas é melhor do que a de tarefas completas. Ancelin

Schützenberger usou este conceito para trabalhar em situações de vida congeladas resultantes de cancro, trauma ou perdas complicadas que causam ruminação e para os quais não se encontrou ainda um desfecho saudável. (1998). “Assuntos Inacabados” referem-se a problemas de relacionamento não expressos ou não resolvidos com um antepassado mas também podem referir-se às consequências da injustiça sentida na sequência do abuso sexual ou emocional, mortes trágicas ou qualquer outro acontecimento de vida traumático. Este fenómeno traduz-se sem dúvida, no conceito atual que, hoje em dia, se chama “trauma”.

Vincent de Gauléjac (1987) descreve a “neurose de classe” como uma crise de identidade que pode surgir após uma discriminação ou exclusão de uma classe social inferior dentro da família. O desejo inconsciente de permanecer leal aos antepassados, à sua identidade e origem social, colide com o seu desejo aparente de promoção social. O conflito pode causar comportamento de autossabotagem face ao sucesso nas pessoas que o vivenciam, causando fracassos repetidos.

“A culpa do sobrevivente” descreve os sentimentos paralisantes experimentados por uma pessoa que sobrevive a um evento traumático em que várias outras pessoas da família morreram. É especificamente paralisante porque o sobrevivente sente que está vivendo uma situação de privilégio em comparação com outros que parecem mais danificados ou acredita que não fez o suficiente para evitar a catástrofe e suas consequências.

Rupert Sheldrake (2011) desenvolveu a teoria da “ressonância mórfica”. Este Biólogo postula que cada ser humano ou animal habita um campo de memória coletiva da espécie e se sintoniza telepaticamente com seus membros em especial com aqueles com quem há maior vinculação afetiva, havendo uma interdependência nas suas ações.

Técnicas Terapêuticas Utilizadas

O Psicodrama Transgeracional foca-se na consciencialização e libertação da lealdade inconsciente, que é frequentemente disfuncional.

O primeiro passo é fazer com que a pessoa reconheça e fortaleça os legados positivos e as heranças de resiliência e de forças recebidas através dessas lealdades. Poderemos aqui utilizar o psicodrama interno ou externo para que os indivíduos possam agradecer certos legados e também ouvir mensagens de empoderamento quando assumem o lugar dos seus antepassados mais queridos. A troca de papel, aqui e em todo o processo do psicodrama transgeracional facilita a descentração, a empatia, a aceitação e a resolução dos conflitos.

A lealdade invisível pode também ser investigada explorando os eventos traumáticos o que pode ter levado ao desenvolvimento de sintomas psicossomáticos ou sistemas de crenças transmitidos transgeracionalmente. Os ancestrais podem compartilhar sobre as suas dores e traumas e dividirem-se em grupos menores de acordo com os seus sintomas.

Na Roma antiga, o poder preditivo do nome de uma pessoa foi capturado pelo Provérbio latino “nomen est omen”, significando que o nome é um sinal. Freud acreditava que ligação intergeracional com as gerações passadas foi destacada pela escolha dos nomes dados às crianças. Em *A Interpretação dos Sonhos* (1900, p. 607), ele escreveu: “Eu insisti que os nomes não fossem escolhidos de acordo com a moda do dia, mas deve ser determinado em consideração à memória daqueles que nos são queridos ou daqueles que se tornaram fantasmas. E, finalmente, não é a procriação de filhos para todos homens a única via de acesso à imortalidade?”.

Os nomes próprios podem revelar as fantasias conscientes ou projeções inconscientes sobre a identidade psicológica e física de uma criança.

Uma vez criado o espaço seguro e estabelecida a confiança entre os membros do grupo, é importante desenvolver resiliência e trabalhar em legados positivos antes de seguir em frente com a psicoterapia informado sobre o trauma. Os participantes podem, portanto, estar disponíveis para a experiência emocionalmente corretiva de encontro com os seus antepassados e à possibilidade de trabalhar e de revivenciarem os seus traumas, procurando chegar a um melhor entendimento e resolução dos mesmos.

Eu criei um poderoso exercício transgeracional sobre legado positivo e resiliência chamado “Beloved Ancestor”. Os participantes são convidados a fechar os olhos e fazer uma viagem interior profunda para evocar a imagem de um antepassado querido ou benevolente, alguém em relação a quem eles sentem gratidão e com quem sentem um vínculo emocional, e cujas qualidades e pontos fortes admiram. À medida que o ancestral e as suas qualidades são evocados, os participantes são convidados a expressar a sua gratidão e perceberem que essas mesmas qualidades também lhes pertencem, podendo mais tarde também compreender os legados disfuncionais que podem ter recebido desses mesmos antepassados através do próprio fenómeno da lealdade invisível.

Com frequência convido os participantes do grupo a procurarem alguém do grupo que poderia representar o papel de seu antepassado querido. À medida que os participantes se misturam, eles colocam a mão no ombro da pessoa escolhida, criando vínculos sociométricos e um maior esclarecimento da dinâmica sociométrica dentro do grupo. Solicito, depois de eu própria demonstrar a utilização da técnica do psicodrama e da troca de papel com um protagonista voluntário, para que possam de seguida efetuar um psicodrama bipessoal com o auxiliar escolhido com o objetivo de expressarem a sua gratidão e amor pelo seu antepassado querido. Os protagonistas trocam de papéis com seu antepassado tantas vezes quantas necessárias para experimentar, expressar e receber mensagens nos diferentes papéis. Naturalmente torna-se importante que o psicodrama termine sempre com o protagonista no seu próprio lugar.

Como alternativa, os participantes podem assumir o papel do seu antepassado querido e desenvolverem esse papel na interação ativa com outros antepassados em que deverão explorar dentro dos vários papéis a dinâmica transgeracional que chegou até ao momento presente e, com frequência às gerações dos descendentes. Torna-se aqui uma prática cada vez mais comum na nossa escola da troca de papel com os descendentes. Aqui entramos na essência e na riqueza profundamente resolutive do psicodrama transgeracional.

Mais recentemente adicionei a integração do uso da técnica do Abraço de Borboleta (Lucina Artigas, 1998) no exercício do Antepassado Querido. Essa estimulação autoadministrada, alternada e bilateral, uma técnica que aprendi enquanto psicoterapeuta em EMDR, numa extensa prática terapêutica sobre o trauma, reforçando, neste caso, a identificação com os aspectos positivos do antepassado querido. Esse processo facilita a instalação de recursos positivos, que sabemos fundamentais, como princípio? para poder realizar com eficácia uma terapia que seja sensível ao trauma e não retraumatizante. Também integrei a aplicação desta técnica de estimulação bilateral e do tapping para processar o próprio trauma transgeracional, em simultâneo com a leitura de uma carta escrita pelo paciente para um antepassado traumatizado ou mesmo ajudando a libertar a perturbação física e emocional do paciente durante um psicodrama transgeracional.

Sabemos hoje, como nos dizem Van Der Kolk e Gabor Mate, que o trauma está no corpo e que terapias integrais, que envolvem o corpo físico e que ativam o “centro autónomo de cura” (outro conceito essencial na teoria psicodramática) e a plasticidade cerebral são mais eficazes e vão mais fundo também na cura transgeracional.

Uma parte importante do método transgeracional é o trabalho com sonhos. Exercícios e rituais transgeracionais preparam o grupo para uma abordagem centrada no protagonista. O Psicodrama concentra-se em esclarecer a lealdade invisível e resolver assuntos inacabados com os antepassados. Os objetivos terapêuticos da encenação são identificar prescrições e expectativas inconscientes, quebrar o silêncio, dar voz ao não dito, interromper a repetição de roteiros familiares disfuncionais, e devolver o peso e efeitos patogênicos do trauma nas gerações passadas. O psicodrama transforma o legado dos antepassados em uma experiência positiva de cura e facilita o processo essencial de diferenciação.

Após a dramatização, Anne Ancelin Schützenberger enfatizou a importância do sair do papel num ritual intencional e consciente que auxilia os egos auxiliares no processo de saída da experiência incorporada de seus papéis e facilita a transição do papel desempenhado, de volta ao seu sentido de identidade própria. O processo de sair do papel garante que o processo terapêutico se dá num espaço seguro e promove a disponibilidade dos membros do grupo para assumir papéis desafiantes, sabendo que mais tarde poderão desidentificar-se com o personagem interpretado. O ritual envolve gestos simbólicos, como o de fazer o movimento de “escovar o papel” enquanto pronuncia o próprio nome.

Utilizamos também outras técnicas expressivas tais como o desenho do “Brazão Familiar”, em que se desenham símbolos para ambos legados positivos e disfuncionais da família de origem, tanto materna quanto paterna, criando um símbolo para a identidade familiar recebida, com as luzes e sombras, tornadas mais conscientes.

Epigenética e transgeracional

A epigenética é o estudo das alterações na expressão genética que ocorrem sem alterações na sequência de DNA subjacente. Essas mudanças podem ser influenciadas por fatores ambientais, como dieta, stress e toxinas, e podem ser transmitidas de uma geração para outra. Como resultado, as mudanças epigenéticas podem desempenhar um papel nos padrões e na transmissão do trauma transgeracional.

Essas mudanças epigenéticas podem ter uma ampla gama de efeitos, incluindo aumento do risco de certas doenças e distúrbios, mudanças no comportamento e na função cognitiva e respostas alteradas ao stress. Eles também podem contribuir para padrões e problemas transgeracionais, como a transmissão de traumas e problemas de saúde mental.

Vários estudos evidenciam que o trauma também pode ser transmitido biologicamente por meio de alterações na expressão genética de indivíduos que sofreram traumas. Pesquisas recentes sugerem que a exposição ao trauma pode alterar a expressão de genes associados à resposta ao stress, que podem ser transmitidos aos filhos.

Genosociograma

O Genosociograma (GSG) é o meu método preferencial na Psicogenealogia. Trata-se de um método gráfico, em que se desenha a árvore genealógica em que constam não apenas os nomes dos antepassados, mas também os acontecimentos de vida, tanto os positivos como os traumáticos da linhagem materna e paterna, assim como as afinidades afetivas (sociométricas) e identificações físicas e psicológicas que ligam os membros dessa grande família (pode ir até às sete gerações anteriores).

O trabalho consiste em encontrar e analisar os acontecimentos, padrões psicológicos, relacionais e psicossomáticos, que se repetem resultantes de traumas e conflitos não resolvidos nas gerações anteriores e tendo em consideração os contextos históricos e sociológicos em que ocorreram, e que são transmitidos de forma automática e inconsciente para as gerações seguintes.

O Terapeuta começa por identificar um tema trazido pelo paciente e vai seguindo a linha de associações e pistas espontâneas do paciente, verbais e não verbais, para encontrar o “fil rouge” causal, criando uma interação/diálogo ativo com base em questões que se baseiam em hipóteses explicativas de quem conhece os principais fenómenos transgeracionais, tais como a lealdades inconsciente, síndrome de aniversário, criança de substituição, etc.

É nesta interação e intersubjetividade que surge uma dinâmica relacional próxima que permite entender a ressonância emocional, expressa de modo verbal e não verbal, face aos factos relatados. Esta ressonância dá a conhecer o imprinting da dinâmica familiar no co inconsciente e co consciente do paciente, nas várias temáticas e pessoas abordadas.

Mais importante do que a realidade é a percepção e a narrativa dos mesmos por parte do paciente, sendo que a fantasia tem tanta validade como a realidade neste impacto transgeracional.

Utilizando diferentes cores e símbolos específicos, ensinados na Escola da Anne Ancelin Schutzenberger, iremos utilizar a sociometria (método de JL Moreno) para representar os laços afetivos e de identificação, assim como as datas principais dos casamentos, nascimentos (incluindo abortos), separações, mortes, profissões, etc. Estamos atenta/os à repetição de idades e também aos acontecimentos históricos, tais como guerras ou sócio-econômicos que podem ser relevantes para a análise dos assuntos em foco.

Diferença entre constelações familiares e psicodrama

As constelações familiares e o psicodrama são duas abordagens terapêuticas diferentes que compartilham algumas semelhanças, mas também apresentam diferenças técnicas e teóricas importantes.

As constelações familiares são uma abordagem que se concentra em explorar a dinâmica familiar e os padrões intergeracionais por meio do uso de trabalho em grupo e técnicas de visualização. Numa sessão típica de constelações familiares, o grupo de participantes é orientado a explorar a história e os relacionamentos de uma família, assumindo o papel de membros da família e encenando vários cenários. O facilitador da sessão ajuda a orientar o processo e a explorar a dinâmica subjacente do sistema familiar, orientando para um respeito das ordens subjacentes ao modelo de Hellinger.

O psicodrama, por outro lado, é uma abordagem terapêutica que usa dramatização e trabalho em grupo para explorar e abordar questões interpessoais, que podem ser ou não do âmbito familiar. Numa sessão típica de psicodrama transgeracional, o protagonista escolhe auxiliares para representarem membros relevantes da sua família face ao foco terapêutico em questão. Não sem antes terem escolhido auxiliares que representem forças e apoios na sua vida e que o possam empoderar perante a situação traumática. O motor do processo é a troca de papel que permite que o protagonista expanda a sua consciência sobre os vários papéis envolvidos num trauma ou conflito e que aumente a sua empatia e possibilidade de aceitação e integração. O facilitador da sessão ajuda a orientar o processo e a explorar as emoções, crenças e comportamentos que vão emergindo espontaneamente procurando caminhar para um epílogo mais resolutivo de todo o processo que vai sendo co criado pelo protagonista. A realidade suplementar que permite vivenciar a solução do problema permite o acesso a novas conexões neuronais e constitui em si mesmo um movimento terapêutico de plasticidade cerebral, de reprocessamento e de crescimento pós-traumático.

Embora tanto as constelações familiares quanto o psicodrama usem o trabalho em grupo e a dramatização como técnicas terapêuticas, existem algumas diferenças fundamentais entre as duas abordagens. A maior diferença poderá estar na filosofia e na forma em como Moreno e Hellinger entendem a família e o processo terapêutico.

Para Moreno, o grupo, a saúde, a espontaneidade, a criatividade e a troca de papel são fatores fundamentais para o desenvolvimento da consciência. Também o empoderamento de qualquer indivíduo para a escolha das suas soluções e a ativação do seu “centro autônomo de cura”.

Para Hellinger há regras na família, como a da hierarquia, a da inclusão e da pertença, e no modelo das constelações familiares o paciente deve aceitar essas leis e assumir um papel mais passivo perante a verdade que emerge do grupo e do próprio facilitador.

A partilha e contenção do grande grupo é mais valorizada no modelo do psicodrama, dado que a psicoterapia de grupo é o seu setting natural e em que o grupo é em si mesmo um fator terapêutico. O grupo terapêutico segundo Yalom, permite a recapitulação segura do grupo inicial, que foi a família. Nas constelações essa partilha e contenção do grupo após a dramatização não é aplicada. Para o psicodrama em grupo contribuem também dinâmicas de aquecimento que fortalecem a coesão e a espontaneidade do grupo e do próprio protagonista.

Além disso, as constelações familiares tendem a ser mais estruturadas e guiadas pelo facilitador, enquanto o psicodrama costuma ser mais espontâneo e improvisado, com o protagonista assumindo um papel mais ativo e empoderador na definição da direção do trabalho e das escolhas finais.

Evidências científicas em Transgeracional e psicogenealogia?

Existe um crescente corpo de pesquisa científica que apoia o uso de abordagens transgeracionais e psicogenealógicas na terapia. Embora sejam necessárias mais pesquisas para entender completamente os mecanismos e a eficácia dessas abordagens, há evidências que sugerem que elas podem ser eficazes na abordagem de uma série de questões pessoais e interpessoais.

Embora haja evidências para apoiar o uso de abordagens transgeracionais e psicogenealógicas na terapia, é importante observar que essas abordagens podem não ser apropriadas ou eficazes para todos. É importante que os indivíduos que procuram terapia trabalhem com um terapeuta qualificado, certificado em terapia transgeracional e habilitado para reconhecer fenômenos transgeracionais e aplicar técnicas terapêuticas eficazes, respeitando a autonomia e os mecanismos de homeostase e de saúde naturais em cada indivíduo.

Nós seremos os antepassados do futuro. A estrutura integrativa do Psicodrama Transgeracional e dos métodos expressivos revela padrões disfuncionais, esclarece padrões de lealdade invisível e lança luz sobre as nossas crenças herdadas. Como futuros antepassados, a nossa responsabilidade maior é a de interromper a transmissão das repetições inconscientes, lidar com legados não resolvidos e curar as feridas emocionais do passado, para que possamos dar vida, significado e propósito às gerações futuras e para que possamos deixar um legado mais saudável para o futuro da humanidade.

Bibliografia

- ABRAHAM Nicolas. et TÖRÖK Maria (1987-2001), *L'écorce et le noyau*, Champs essais, Flammarion, Paris.
- ANCELIN-SCHÜTZENBERGER, A. (1998), 'The ancestor syndrome' Reutledge, Taylor & Francis Group, London and New York.
- ANCELIN-SCHÜTZENBERGER Anne (2011), *Psychogénéalogie - Guérir les blessures familiales et se retrouver soi*, Petite Bibliothèque Payot, Paris.
- ANCELIN SCHÜTZENBERGER Anne (2011), *Exercices pratiques de psychogénéalogie pour découvrir ses secrets de famille, être fidèle aux ancêtres, choisir sa propre vie*, Petite Bibliothèque Payot, Paris.
- BAIM, C., BURMEISTER, J., MACIEL, M. (2007), 'Psychodrama: Advances in Theory and Practice', London, Routledge
- BOSZORMENYI-NAGY, I., SPARK, G. (1973), 'Invisible Loyalties. Reciprocity in International Family Therapy', Harper & Row, Publishers, Inc.
- BRAGA LL, MELLO MF, FIKS JP. Transgenerational transmission of trauma and resilience: a qualitative study with Brazilian offspring of Holocaust survivors. Disponible en: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/22943578/>
- DE GAULEJAC Vincent (2016), *La névrose sociale*, Petite bibliothèque Payot, Essais, Paris
- ESMENJAUD, C. (2010). *Psychogénéalogie et psychodrame : la danse des origines*. Actualités en analyse transactionnelle (périodiques en Internet).
- MACIEL, Manuela (2014), "El uso del psicodrama en la psicoterapia Transgeneracional". *Revista Brasileira de Psicodrama*, (périodiques en Internet).
- NAOR, Y., GOETT, H., "Confronting the Holocaust through Psychodrama, Sociodrama and Rituals".
- PERROTTA, L. (2016), 'Reconnecting with Ancestral Roots: Transgenerational Psychodrama in Brazil'.